

SPREAD THE SIGN: UM INSTRUMENTO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE LIBRAS E/OU DE ALUNOS SURDOS?

LAVÍNIA COSTA CÉSAR¹; ANGELA NEDIANE DOS SANTOS²; TATIANA BOLIVAR LEBEDEFF³

¹ Universidade Federal de Pelotas – laviniaivi@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – angelanediane@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – tblebedeff@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O *Spread The Sign* – Brasil (STS-BRASIL) é um projeto que existe a partir do *Spread The Sign* (STS), desenvolvido pela *European Sign Language Center*, criado na Suécia em 2006. O STS – Brasil tem como objetivo pesquisar, traduzir e registrar diferentes sinais da Língua Brasileira de Sinais e inserir na plataforma palavras, termos e expressões que possam acompanhar a variação linguística geográfica da língua e oportunizar sua internacionalização. No Brasil o projeto é coordenado pelo GIPES – Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos, e envolve três equipes de diferentes universidades: UFRGS, UFF e UFPel. A plataforma do dicionário é digital, podendo ser acessada por desktop (site) ou mobile (aplicativo para celular). Atualmente o dicionário contém registros de 41 línguas de sinais, que somam mais de 420.00 sinais na sua base de dados.

Para este trabalho, a equipe da UFPel elaborou um questionário com o auxílio do Google Formulários e o público alvo foi professores de Libras e/ou de alunos surdos, tendo como objetivo verificar o uso de dicionários como instrumento pedagógico nesse contexto e, caso ainda não utilizem este instrumento, estimular seu uso. Foram coletadas respostas de 127 professores.

2. METODOLOGIA

O objetivo do questionário criado foi coletar informações para conhecer o uso de dicionários, em especial o *Spread the Sign*, pelos professores de alunos surdos e/ou professores de Libras, descobrir se é um instrumento distante ou presente nas suas aulas. Contamos com a participação de 127 docentes que responderam o questionário por meio das principais redes sociais em que divulgamos nosso projeto de pesquisa.

Para a criação do questionário, apresentamos o objetivo da pesquisa e do questionário em questão e selecionamos apenas 10 perguntas, alternadas entre múltipla escolha e discursiva para que houvesse sucesso de interação entre os participantes. Os respondentes foram informados sobre o uso de suas respostas para fins de pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos professores que responderam o questionário, a maioria é professor de Libras para ouvintes ou professor de Libras para alunos surdos. Também se destacaram, com menor porcentagem, professores de línguas estrangeiras para surdos. Além desses, obtivemos respostas de dois intérpretes de Libras. Os demais participantes eram, um de cada, professores de matemática, física e português. Também obtivemos uma resposta de professor das séries iniciais para surdos, de

turma bilíngue, de uma coordenadora pedagógica, um professor do Atendimento Educacional Especializado, um professor e um tutor do Curso Letras-Libras, um professor de Línguas de Sinais Internacionais, um professor da disciplina Fundamentos da Educação. Também recebemos uma resposta de uma acadêmica de licenciatura em Letras-Libras. Houve a marcação de mais de uma resposta em alguns casos.

Quanto à segunda pergunta, se já usou ou indicou o uso de dicionário em sala de aula, 100, dos 127 questionados, indicaram a resposta não. A terceira pergunta se referia ao tipo de dicionário já utilizado em sala de aula com os alunos e 50% respondeu utilizar tanto dicionário impresso, quanto digital.

A quarta pergunta questionou “Qual dicionário impresso já utilizou em sala de aula?” e obteve 96 respostas. Era uma pergunta aberta e resultou em respostas bastante diversas. O dicionário mais indicado, por 28 respostas, foi o de Capovilla et al (2017), um dicionário impresso já consolidado no país, que em sua última edição documentou 14.500 sinais de Libras em entradas lexicais individuais, trazendo os verbetes correspondentes ao sinal em português e inglês, a definição do significado do sinal e dos verbetes, ilustrações e a descrição detalhada da forma do sinal. Além disso, 7 respostas afirmaram não utilizar dicionário impresso e 2 deixaram em branco. 6 respostas indicaram o uso de diversos dicionários, mas não indicaram quais. 6 respostas indicaram o uso de dicionários de língua portuguesa. 3 disseram utilizar o Mini dicionário ilustrado de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais produzido pela FADERS (2008). Além desses, outros dicionários foram indicados, cada um com uma resposta, o Dicionário Acesso Brasil (LIRA; SOUZA, 2011), do INES (LIRA; SOUZA, 2005), e em 1 resposta o Dicionário ilustrado de Libras, de Flávia Brandão (2011), e em outra o Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais (HONORA; FRIZANCO, 2012). Houve 1 resposta indicando o uso de dicionário de escrita de sinais. E 1 resposta indicando o uso de dicionário relacionado à área de saúde, sem indicar título. Sobre o uso de dicionário impresso duas respostas apontaram o uso de dicionários/glossários digitais: *Hand Talk* e *Sign Puddle* e, ainda, outra resposta indicando a pesquisa na web/google. Também foi indicado o uso do livro Libras em contexto (FELIPE, 2007), que é um material produzido para professores e estudantes de Libras, cuja primeira versão é de 1997 e que não é um dicionário. Além dessas, obtivemos respostas indicando o uso de apostilas, xerox, power point, símbolos, termos, os quais não se configuram como dicionários.

A quinta pergunta foi “Qual dicionário digital já utilizou em sala de aula?”, e obteve 95 respostas. Dessas, 12 apontam para o não uso desse tipo de dicionário. Uma resposta referiu-se ao uso de CD, sem especificar qual. 11 respostas indicaram o uso de aplicativos, entre eles o *Hand Talk*, o *Prodeaf* e o *Sign Puddle*. 5 respostas indicaram o uso do *Spread The Sign*, sem especificar se o aplicativo ou a versão para desktop. Ainda foi indicado o uso do dicionário Acessibilidade Brasil (4 respostas), do dicionário de Libras Rio de Janeiro (1 resposta) e do dicionário do INES (10 respostas), que se trata do mesmo dicionário em versões diferentes (LIRA; SOUZA, 2005 e 2011), contabilizando 15 respostas. Ainda foram citados dois glossários elaborados pela UNB e pela UFSC, sendo o primeiro com 1 resposta e o segundo em 2 respostas. Encontramos também resposta genéricas, tais como o uso de dicionários disponíveis na web, no computador e no *YouTube*, totalizando 11 respostas. Nesta pergunta sobre dicionários digitais houve respostas indicando dicionários impressos, tais como o da Faders (2008), com 4 respostas, e o de Capovilla et al (2017), com 7 respostas. Além dos dicionários Michaelis e Aurélio, cada um com 1 resposta. Foi citado o uso de dicionários de Gestuno (1 resposta) e

signwriting (2 respostas), sem especificar qual. Também foram feitas referências a uso de sinalário, glossário e dicionários, sem especificação de título, totalizando 7 respostas. Houve outras respostas, as quais não se referiam nem a dicionários ou similares.

A sexta pergunta, “Você conhece o *Spread the Sign*?” obteve 127 respostas, em que 40 participantes disseram sim, conhecer o STS e 87 dos participantes responderam que não conhecem o projeto. Ainda sobre o *Spread the Sign*, questionamos na sétima pergunta quem já havia utilizado, entre as 127 respostas, 10% para sim, 63% não utilizaram e 28% pretende utilizar a plataforma do *Spread the Sign*. Procuramos saber na oitava pergunta qual a versão do *Spread the Sign* os participantes já haviam utilizado, dentre as 122 respostas desta questão, 13% mostram preferência em ambas versões, mobile e desktop, enquanto 70% nunca teve contato com as plataformas.

Chegando ao final do questionário, na penúltima pergunta: “Acredita que o uso de dicionários potencializa as aulas?”, recebemos 125 respostas, positivamente 84 dos respondentes acreditam que o uso de dicionários potencializa as aulas, 9 discordaram e 32 ainda não tiveram experiência. Para a última pergunta, questionamos o interesse em participar de um curso de extensão sobre o uso de dicionários em sala de aula caso a UFPel oferecesse e dentre as 125 respostas, 87 confirmaram o interesse em participar, 29 talvez e o restante negou o interesse.

4. CONCLUSÃO

Percebe-se, a partir dos dados apresentados, que entre os professores que responderam ao questionário, prevalece o uso de dicionários impressos, destacando-se o dicionário de língua de sinais do Brasil (CAPOVILLA et al, 2017). Este dicionário vem sendo produzido desde 1994, e tido diferentes versões e edições desde então, sendo consolidado no Brasil. Em relação ao uso de dicionários digitais, preponderou o uso daqueles disponíveis para uso em computadores: o Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais (LIRA; SOUZA, 2005) e o Dicionário de Língua Brasileira de Sinais (LIRA; SOUZA, 2011), que são duas versões de um mesmo dicionário, os quais foram produzidos com financiamento da Coordenadoria Nacional para a Integração de Pessoa Portadora de Deficiência – CORDE e do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, respectivamente. Para nosso estranhamento, foram pouco referidos os aplicativos para celulares lançados mais recentemente no Brasil, como o *Hand Talk* e o *ProDeaf*.

Quanto ao *Spread the Sign* observou-se que a maioria dos respondentes não conhece a plataforma, e, portanto, pouco a utiliza em suas aulas. Nesse sentido, percebe-se a necessidade de divulgação desse projeto nas escolas e universidades, tendo em vista seu potencial para uso como instrumento pedagógico. Por fim, os respondentes afirmaram a potência do uso de dicionários em sala de aula e a maioria demonstrou interesse em participar de uma formação para aprimorar suas estratégias para a utilização de dicionários em sala de aula.

Percebe-se a necessidade do professor entender e descobrir qual dicionário melhor se adequaria para o objetivo de suas aulas, reconhecendo o valor desse instrumento, pois, o uso de dicionários como produto pedagógico “Ainda não conquistou o espaço que merece no âmbito do ensino aprendizagem de línguas” (ISQUERDO, 2011, p.47). O não uso de dicionários em sala de aula é uma questão que está relacionada com o fato de não ser um instrumento pedagógico que é estudado e visto nos cursos de formação de professores. Conforme argumenta

Souza “O que se nota é que os dicionários ocupam ainda um espaço de marginalidade na sala de aula [...], o que faz com que esses professores deixem de explorar o rico e precioso tesouro da língua que guarda o dicionário” (2020, p. 45).

A partir do momento que o aluno domina o uso de dicionários, seu aprendizado torna-se mais autônomo, possibilitando o ensino dentro e fora da sala de aula. Souza destaca a necessidade de “possibilitar a comunicação entre surdos e ouvintes, em oportunizar que os surdos sejam capazes de ser inseridos nos diferentes contextos sociais por meio da língua e citam a importância desse tipo de material para auxiliar os aprendizes da língua de sinais, ouvintes ou surdos” (2020, p. 120). Nesse sentido, afirma-se a potência do uso dos dicionários na educação de alunos surdos e no ensino de Libras, e destaca-se o potencial do STS como um dicionário multilíngue de línguas de sinais que precisa ser conhecido e explorado pelos professores de Libras e/ou de alunos surdos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BRANDÃO, Flávia. **Dicionário ilustrado de LIBRAS** – Língua Brasileira de Sinais. Global Editora, 2011.
- CAPOVILLA, F. C. et al. **Dicionário de língua de sinais do Brasil: a Libras em suas mãos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.
- FADERS. **Mini dicionário ilustrado de LIBRAS** – Língua Brasileira de Sinais. CAS (Centro de Formação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas surdas)/ SAT – Serviço de Ajudas Técnicas da FADERS/Secretaria da Justiça e dos Direitos Humanos do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf>, acesso em 19.09.2020.
- FELIPE, T. A. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor**. 8ª. edição- Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007.
- HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira da Sinais**. Ciranda cultural, 2012.
- ISQUERDO, A. N. Questões teóricas específicas. In: XATARA, C.;
- BEVILACQUA, C. R.; HUMBLÉ, P. R. M. (orgs.) **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. Série estratégias de ensino, v. 24, São Paulo: Parábola, 2011. p. 45-48.
- LIRA, G. A.; SOUZA, T. A. F. **Dicionário de Língua Brasileira de Sinais – V3. Acessibilidade Brasil**, 2011. Disponível em <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/>. Acesso em: 19.09.2020.
- LIRA, G. A.; SOUZA, T. A. F. **Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais, Versão 2.0 – Acessibilidade Brasil**, 2005. Disponível em <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm>. Acesso em: 19.09.2020.
- SOUZA, Joyce Cristina. **Dicionários bilíngues português-libras no ensino para surdos: usos e funções**. 2020. 307 f. (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13218>>. Acesso em 23.09.2020.